

## UM DESAFIO METODOLÓGICO PARA OS CURSOS POPULARES DE PREPARAÇÃO PARA O VESTIBULAR

Olenir Maria Mendes<sup>1</sup>

**RESUMO:** *O presente relato é resultado da experiência em cursos alternativos e aborda a importância da contribuição daqueles que têm assumido o importante papel de agente facilitador no ingresso de pessoas de baixa renda ao ensino superior. Um projeto de Pré-Vestibular Alternativo que tem como objetivo principal proporcionar, aos envolvidos no projeto, o desenvolvimento de uma profunda e duradoura luta, para superar as injustiças econômicas, políticas e sociais. Portanto, pautado por uma perspectiva idealizadora de um curso que não fosse caracterizado por ser assistencialista, mas que favorecesse o ingresso do trabalhador na universidade.*

Minha experiência como membro do grupo que idealizou e criou o Pré-Vestibular Alternativo, hoje Associação Educacional Paulo Freire, motivou-me a escrever esse relato com o intuito de contribuir com aqueles que têm assumido o importante papel de agente facilitador no ingresso de pessoas de baixa renda ao ensino superior. Assim, o objetivo desse trabalho será resgatar algumas reflexões que embasaram uma proposta metodológica para o funcionamento do Pré-Vestibular Alternativo. Assim, o resgate histórico das intensas, densas e calorosas discussões travadas durante o processo de criação do projeto fazem-se necessárias.

O Projeto Pré-Vestibular Alternativo tinha como objetivo principal *proporcionar aos envolvidos - voluntários e estudantes - o desenvolvimento de uma fé profunda e duradoura na luta para superar injustiças econômicas, políticas e sociais, humanizando-se como parte deste processo* (Projeto, 1998, p. 4). Essa perspectiva foi motivadora de nossas reuniões para sonhar/idealizar um curso que não tivesse caráter meramente assistencialista. Além disso, era intenção do grupo

*favorecer o ingresso do trabalhador à universidade; construir uma proposta metodológica que levasse em conta a realidade dos trabalhadores; explicitar a importância do contínuo processo de aprendizagem/produção de conhecimento para se capacitar crítica e tecnicamente; criar espaços de reflexões de temas atuais; motivar os estudantes trabalhadores a continuarem no projeto, mesmo após entrarem na Universidade, a fim de também contribuírem com os outros; aproximar os professores monitores voluntários da realidade social vivida pelos alunos* (Projeto, 1998).

Esse último objetivo é o que realmente concretizaria o caráter metodológico alternativo do projeto, a ser abordado posteriormente neste trabalho.

Quando, em 1998, reunimos um grupo de jovens militantes e crentes na possibilidade da transformação social, discutimos, em várias reuniões, que nossas ações deveriam ser pensadas a partir das condições reais dos alunos que dependiam de iniciativas como a nossa. Condições estas que perpassavam por dificuldades como: falta de conhecimentos científicos básicos - que

<sup>1</sup> Professora de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

deveriam ter sido apreendidos ao longo da educação básica; tempo de estudo individual quase inexistente – afinal a maioria eram trabalhadores e trabalhadoras; e problemas financeiros. Assim, caberia a nós o desafio de sermos realmente alternativos para esse grupo de pessoas excluídas da sociedade e que o caminho para isso seria uma metodologia de trabalho mais adequada a essa realidade.

Compreendíamos que, na direção ao modelo de sociedade democrática e popular que almejávamos, a educação constituir-se-ia em importante ferramenta na construção dessa sociedade.

Foi esse jeito de pensar que motivou as pessoas a se juntarem para planejar e implementar esse Projeto e não o mero acaso. Do grupo faziam parte: jovens engajados em Movimentos Pastorais (Pastoral da Juventude), no Movimento Estudantil Universitário (DA's e DCE), no Partido dos Trabalhadores e em outros Movimentos Sociais e Populares como a JOC (Juventude Operária Católica).

O grupo tinha clareza de que o modelo de ensino superior, predominantemente privado, acabava por fechar as portas para muitos jovens por sua inviabilidade financeira e pela inexistência de um programa de crédito educativo eficiente. Além disso, nossas universidades apresentam-se extremamente tecnicistas e desumanizadoras, caracterizando-se como espaço de competição, e sua produção poucas vezes busca interagir e encontrar saídas para os problemas mais latentes da sociedade (saúde, educação, desemprego, violência, moradia...) em cumprimento a sua função social.

Dessa maneira, o Projeto apresentou-se duplamente alternativo. Primeiro, por facilitar a entrada de jovens de famílias de baixa renda na Universidade, onde, teoricamente, melhor se qualificariam profissionalmente diante do mercado globalizado. Segundo, por trabalhar com estudantes, professores universitários e jovens profissionais voluntários, proporcionando a estes jovens a relação que a universidade lhes tem negado, humanizando o futuro/novo profissional (quer engenheiro, médico, advogado, educador...) e sensibilizando-o para os reais problemas de nossa população.

Enfim, o Projeto foi apresentado como um compromisso do grupo com a sociedade e com o próprio grupo de concretizar uma proposta pedagógica comprometida com a qualidade do ensino, a humanização das pessoas e a transformação da ordem social vigente.

Com tamanha ambição, o conhecimento a ser trabalhado deveria estar relacionado com um saber comprometido, politizado, que partisse da realidade de vida e da cultura dos alunos e que buscasse um saber que se vai produzindo historicamente, necessário para a compreensão das múltiplas dimensões que compõem o movimento do real. Queríamos preparar os alunos para o concurso vestibular de maneira que os conhecimentos acumulados lhes servissem para uma mudança de postura e que, principalmente, os ajudassem a viver melhor no meio social. Isto significaria trabalhar uma concepção de vida, um modo de agir e de pensar criticamente.

Nesse sentido, selecionamos alguns indicadores/princípios, embasados na proposta de Educação Libertadora de Paulo Freire, para serem o eixo de nossa proposta metodológica, a saber:

*Na medida do possível, contextualizar geo-historicamente o saber trabalhado pelos professores; debater, estudar te-*

*mas da atualidade sociopolítica do país e da comunidade; valorizar a cultura popular, assumindo-a como fonte de estudo e de conhecimento; construir normas disciplinares em conjunto com os alunos; abordar temas polêmicos e que despertem o debate e confronto em sala de aula; criar oportunidades para que o aluno possa defender sua opinião perante a turma; superar o senso comum e trabalhar com o conhecimento científico significativo; definir conhecimentos/práticas/attitudes a partir da avaliação do trabalho educativo; definir práticas pedagógicas e administrativas em função dos fins propostos no projeto; sempre que possível, fazer o planejamento global e de sala de aula, participativamente; ter a paciência histórica para acompanhar os passos do grupo e impaciência histórica para provocar as mudanças necessárias; estimular a prática da justiça, tanto quanto o respeito à liberdade, entendida como compromisso com o bem comum; possibilitar o desenvolvimento de práticas de cooperação e solidariedade no trabalho de sala de aula (Projeto, 1998, p. 5).*

Tais indicadores representavam, na verdade, a perspectiva metodológica a ser implantada, de maneira gradativa, pelo Pré-Vestibular Alternativo. Isto porque, infelizmente, as condições de desenvolvimento desta proposta encontravam-se limitadas e, em alguns aspectos, até prejudicadas por não contarmos com o apoio necessário para tal empreendimento. Enfim, conseguimos, a duras penas, articular minimamente o nosso Projeto/Sonho.

Penso que esse resgate pode, hoje, contribuir sobremaneira com aqueles que se encontram engajados e que querem refletir e implementar propostas que possam, de fato, ajudar os alunos que procuram os vários cursinhos surgidos a partir daquele ano. Não é possível trabalhar com educação popular sem pensar sua especificidade/realidade. A partir dessa afirmativa, proponho-me, a seguir, a apresentar algumas idéias/propostas pedagógicas que poderiam somar-se às ações já implementadas pelos grupos que atuam nos diferentes projetos alternativos de ingresso à universidade.

Compunha a nossa proposta inicial o estímulo à formação de grupos de estudos formados pelos alunos matriculados. Pretendíamos que os mesmos se organizassem nos períodos em que não houvessem aulas, para estudarem e fazerem exercícios. Nesse momento, precisaríamos contar com os professores voluntários para que atendessem aos alunos em suas casas. Na verdade, alguns grupos (dois ou três) formaram-se e alguns professores até realizaram tal experiência, mas por muito pouco tempo.

O que parecia muito simples e corriqueiro, era na verdade, uma proposta metodológica bastante alternativa, tanto para os alunos, quanto para os professores voluntários, porque tal experiência poderia possibilitar o que chamamos de proximidade e envolvimento com a realidade do aluno. Conhecer as dificuldades, tanto ligadas aos aspectos cognoscitivos, quanto aos aspectos socioeconômicos, poderia favorecer um trabalho muito mais efetivo do professor para atender ao aluno e, além disso, conseguiríamos atingir o objetivo de contribuir para a formação de um profissional que tivesse maior clareza das limitações econômico-sociais produzidas por este

sistema capitalista, preenchendo, assim, a lacuna deixada pela universidade quando acaba formando profissionais para atender ao mercado já estabelecido.

Ainda acredito que o caminho metodológico para ajudar os alunos que procuram cursinhos alternativos passa pelo trabalho com pequenos grupos, em suas casas, e pelo estímulo para que haja ajuda mútua entre eles. Acredito que o papel do professor voluntário não é cumprir o programa exigido pelos concursos vestibulares, mas sim ajudar a sanar as dificuldades básicas desses alunos. As aulas em classe podem e devem continuar existindo, mas não podem ocupar todo o tempo do aluno. Deveriam ser momentos de síntese e de discussões temáticas gerais ligadas à formação do cidadão, buscando a conscientização para que possam ser sujeitos de sua própria condição, e de luta contra a imposição capitalista de exclusão desse grupo.

Enfim, deixo aqui o desafio para que os grupos discutam e reflitam sobre as possibilidades e limites dessa proposta, mas fica o ousar pedagógico para que possamos crescer sempre em busca da transformação social.